

**ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**  
**GT- Informação e Memória**

**As relações entre memória e internet entre os nativos digitais**

**Rosali Maria Nunes Henriques**

**rosalih@gmail.com**

**Resumo**

Este texto é parte integrante da pesquisa de doutorado em Memória Social (Unirio), onde pretendemos discutir a patrimonialização da memória social na internet. Esta comunicação é apenas um resumo de algumas questões que estamos desenvolvendo e no qual discutimos as relações entre memória e internet, principalmente entre os jovens nativos digitais. Abordaremos, nesse artigo, como os processos de lembrança e esquecimento são partes integrantes da memória. Além disso, iremos apontar algumas questões sobre as relações entre a memória e a internet e apontar alguns caminhos para a pesquisa.

**Palavras-Chave:** memória, internet, nativos digitais

**Abstract**

This text is a part of doctoral research in Social Memory (Unirio), where we intend to discuss the social memory patrimonialization in the Internet. This communication is only a summary of some issues that we are developing and which we discuss the relationship between memory and the Internet, especially among young digital natives. We will discuss in this article, as the processes of remembering and forgetting are integral parts of memory. Furthermore, we point out some issues about the relationship between memory and the internet and point out some avenues for research.

**Keywords:** memory, internet, digital natives

Uma das questões que me intrigaram desde o desenvolvimento da minha pesquisa de mestrado<sup>1</sup> era como a *internet* estava mudando a forma como as pessoas se relacionavam com a memória. O tema, é interessante notar, põe em jogo as teorias da memória com a tecnociência, pois os jovens nativos digitais<sup>2</sup> têm usado a tecnologia de forma a trazer novos elementos para o campo da memória. Naquela ocasião, uma pergunta ficou sem resposta, pois não cabia no escopo da pesquisa original: o que a memória tem a ver com a *internet* e vice-versa? Partindo dessa questão inicial, tive o desejo de continuar enfocando a *internet* em meus estudos acadêmicos, mas sob o prisma da Memória Social, campo de estudo no qual eu poderia abordar com mais desenvoltura o tema que me intrigava. Só pude retomar os estudos novamente em 2010, quando ingressei no Programa de Pós-graduação em Memória Social da Unirio. Obviamente, com o passar do tempo, a *internet* vem adquirindo novas facetas e novos usos. A realidade que eu estudei nos anos de 2003 e 2004 já não é a mesma de hoje. Nesse período surgiram com maior ênfase as redes sociais *online*<sup>3</sup> e o uso da *internet* ganhou uma nova faceta: de um mural de registros de experiências, ideias e memórias. A *internet* e as mudanças nos comportamentos no que tange aos processos de memória me motivaram a realizar este estudo.

Embora o objetivo inicial da pesquisa não fosse o uso das redes sociais pelos nativos digitais, aos poucos os estudos empreendidos durante o doutorado me levaram a querer estudar o fenômeno dessas redes sob o ponto de vista hipotético como depositárias de fragmentos de memória. A partir desse enfoque, escolhi a questão da efemeridade da memória na *internet* como ponto de partida do meu estudo. Mas o que é efemeridade? Como se configuram os processos de lembrança e esquecimento nas redes sociais? Podemos afirmar que a memória na *internet* é efêmera?

Entendemos que as TICs (tecnologias de informação e comunicação), principalmente a *internet*, têm mudado a forma como as pessoas se relacionam com a memória. Podemos

---

<sup>1</sup> No mestrado em Museologia, defendido em 2004 na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, desenvolvi uma pesquisa sobre os museus virtuais, tendo como estudo de caso o Museu da Pessoa, um museu virtual de histórias de vida criado em São Paulo em 1991.

<sup>2</sup> Nativos digitais é uma expressão criada pelo educador canadense Marc Prensky (2004) para definir as pessoas que nasceram após o advento da internet, do celular e do MP3. Quem nasceu anteriormente a este período seria um imigrante digital, pois teve que aprender a lidar com esta nova tecnologia em sua fase adulta.

<sup>3</sup> Embora atualmente falemos em rede social para designar as redes sociais online na internet, o conceito de rede social é bem mais amplo e anterior ao surgimento das novas tecnologias. Qualquer rede que tenha como objetivo ligar pessoas ou organizações é uma rede social. As principais características das redes sociais são a porosidade, a capilaridade e as relações não hierárquicas. No entanto, para facilitar o estudo vamos utilizar a nomenclatura rede social para designar somente as redes sociais online.

afirmar que, do ponto de vista cognitivo, os processos de lembrança e continuam os mesmos, mas atualmente existem ferramentas com as quais os jovens trabalham os registros de memória na internet e que modificam os tempos da memória. As narrativas de memória sempre foram sobre um passado, a partir de um presente e para um determinado futuro. Desde os mais primitivos tempos, passando pelos *griots*<sup>4</sup>, pela tradição oral, pela história oral ou em diários de meninas<sup>5</sup>, o registro da memória foi sempre na perspectiva do hoje, com a reflexão de algo que já passou e com o objetivo de trazer alguma lição para o futuro. No entanto, acreditamos que o uso da internet, principalmente das redes sociais, tem modificado a forma como o registro da memória é feito pelos nativos digitais. Ao postar fotos e textos em tempo real no *Facebook* ou no *Orkut*, por exemplo, os usuários da *internet* estão produzindo registros e postando-os no momento exato da produção do fato. Assim, a memória torna-se um registro sobre o momento instantâneo para um presente também instantâneo, quase como que um presente-passado e um presente-presente, que podemos chamar de atual. Essa memória do presente é uma memória efêmera e imediata, compartilhada em tempo real com seus amigos e familiares. Esta, que podemos chamar de memória compartilhada, seria uma espécie de memória imediata e ao mesmo tempo mediada pelo espaço virtual da *internet*, o ciberespaço. Nesse sentido, Canavilhas (2004) aponta que a *internet* comprime o tempo, não o tempo entre emissão e recepção da mensagem, mas o tempo da memória. O autor afirma que desta forma, passamos a ter um passado-presente e um presente-presente.

Sabemos, no entanto, que a memória é sempre sobre um passado e que é sempre feita no presente, mas até que ponto esse tempo passado é um tempo imediato no momento da ação? Qual a dimensão do tempo presente e do tempo futuro, uma vez que o futuro é algo que ainda que não existe?

Cada segundo que passa é como uma porta que se abre para deixar entrar o que ainda não sucedeu, isso a que damos o nome de futuro, porém, desafiando a contradição com o que acabou de ser dito, talvez a ideia correcta seja a de que o futuro é somente um imenso vazio, a de que o futuro não é mais que o tempo de que o eterno presente se alimenta. (Saramago, 2002, p. 212-213 )

---

<sup>4</sup> *Griot* são os contadores de histórias nas culturas tradicionais africanas.

<sup>5</sup> Um exemplo muito interessante de um diário publicado é a obra de Helena Morley “Minha Vida de Menina” que retrata o cotidiano de uma jovem na Diamantina dos anos de 1893 a 1895.

## **Memória: entre lembrança e esquecimento**

Antes de discutirmos a relação entre memória e internet, não podemos deixar de levantar algumas questões essenciais para o campo da memória. Uma delas é a dicotomia entre lembrança e esquecimento nos processos de memória. Lembrar é também uma forma de esquecer. Em eventos traumáticos, como o Holocausto, por exemplo, o desejo de deixar registrados os fatos tais como eles aconteceram faz parte do processo de tentar esquecer o que se passou e evitar que se repitam. Primo Levi (2004) alerta para o desejo do esquecimento de muitos dos sobreviventes dos campos de concentração nazistas, no que ele denomina de memória da ofensa. No entanto, ele afirma que esta memória está sempre ancorada no contexto dos fatos e não é cópia fiel dos mesmos. Um dos riscos ao analisar as memórias de determinado autor é esperar que os fatos por ele narrados sejam cópia exata dos acontecimentos. Não se trata de reproduzir os fatos, tarefa praticamente impossível, mas lembrar do que se passou. E isso é a memória. Ela é seletiva e, portanto, como Levi mesmo afirma, falaz.

O desejo de driblar o esquecimento é o *leitmotif* de quem registra sua memória. Esse desejo também motiva as memórias familiares e pessoais registradas em obras, às vezes clássicas como em Marcel Proust e Pedro Nava, às vezes de forma mais rudimentar através de diários íntimos. Esse desejo de deixar sua memória registrada pode ter vários motivos, mas o principal deles é driblar a morte e o esquecimento. Ao deixar registrada sua memória, o homem está legando aos seus descendentes a sua história, pois “Escrever é fazer recuar a morte, é dilatar o espaço da vida” (SARAMAGO, 2010, p. 193).

A memória não é simplesmente um mecanismo com botão de liga e desliga, que nos faz lembrar apenas do que nos interessa. Andreas Huyssen (2000) aponta que não há uma oposição entre memória e esquecimento, mas que ambas são partes do mesmo processo. Por isso, preferimos usar a expressão lembrança no lugar de memória, pois entendemos que a memória é mais ampla e abrange não somente o processo de recordação (lembrança), mas também o de esquecimento.

As sociedades necessitam do esquecimento tanto quanto da lembrança, pois o esquecimento é necessário para a nossa própria sobrevivência. Nesse sentido, podemos fazer referência a obra de Borges, “Funes, o memorioso”, que ao lembrar de todos os detalhes de todos os dias em

que vive, acaba por viver apenas para lembrar e não lembrar para viver<sup>6</sup>. Da mesma forma que a lembrança constante é um perigo para a memória, o esquecimento excessivo prejudica as nossas funções sociais. Quando um indivíduo sofre de algum tipo de doença degenerativa, como o Mal de Alzheimer, no qual há perda de memória, ele tem suas funções sociais prejudicadas. É no equilíbrio entre lembrança e esquecimento que reside a memória.

Primo Levi (2004), em sua obra “Os afogados e os sobreviventes”, em que narra suas experiências vividas no campo de concentração de Auschwitz, faz parte daquele grupo de pessoas que resolveu não se calar diante das atrocidades cometidas pelos nazistas. Ele relata a preocupação dos nazistas em destruir as câmaras de gás e os fornos crematórios no outono de 1944 como forma de apagar a memória, destruindo as provas do extermínio. Segundo Levi, essa “guerra contra a memória” promovida pelo Terceiro Reich foi perdida não somente pelos vestígios dos campos que restaram, mas também graças aos testemunhos dos sobreviventes. Conforme nos alerta Todorov (2000), essa atitude também está presente na destruição de monumentos astecas que os espanhóis promoveram nas colônias latino-americanas como forma de suprimir a grandeza dos vencidos. A essa atitude Todorov dá o nome de supressão da memória. Ou seja, tentativa de suprimir a memória do que aconteceu como forma de apresentar outra realidade. Nesse sentido, a memória é sempre vista como um inimigo nos regimes totalitários, nos quais o esquecimento é sempre providencial.

O outro perigo da memória é em relação ao seu excesso. Conforme vimos anteriormente, Huyssen (2000) nos alerta para o *boom* da memória nos dias de hoje, quando vivemos uma avalanche de movimentos nostálgicos: moda retrô e obsessiva musealização. Esse terror ao esquecimento, principalmente nas questões relativas ao Holocausto, acaba produzindo, segundo Huyssen, uma sociedade obcecada pela memória. Huyssen afirma que o que precisamos é de uma discriminação e rememoração produtiva e que a cultura de massa e o ciberespaço são compatíveis com isso. Todorov (2000) também se preocupa com esse excesso de memória. Para esse autor, o culto à memória é fruto de uma nostalgia na sociedade europeia, principalmente entre os franceses, em relação a um passado que já não existe mais.

O esquecimento é tão necessário à memória quanto a lembrança, pois não há memória sem esquecimento. No entanto, o equilíbrio entre esses dois movimentos é muito frágil, pois por

---

<sup>6</sup> No conto ‘Funes, o memorioso’, Jorge Luís Borges conta a história de um homem, que após uma queda de um cavalo passa a lembrar de todos os detalhes da sua vida, sem esquecer nenhum pormenor. Esta situação leva a um esgotamento de Funes, pois ele não consegue descansar a memória.

vezes há um esquecimento total, tanto individualmente como socialmente, e em outras ocasiões excesso de memória. Como equilibrar esta balança para que as sociedades possam manter uma coesão da memória social?

Ao estudarmos a dinâmica da memória, não podemos deixar de abordar a obra de Henri Bergson. Filósofo francês, Bergson (2010) em sua obra “Matéria e Memória”, publicada originalmente em 1896, se debruça sobre os aspectos psicológicos da memória, enfatizando o papel do espírito, mas também da matéria nos processos de lembrança e esquecimento. Para Bergson, a percepção tem um papel fundamental nesse processo, pois “não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” (BERGSON, 2010, p. 30). Nessa lógica, perceber é lembrar. Ele acredita numa memória pura, baseada nas lembranças que o cérebro acumula ao longo de nossa existência e que “o papel teórico da consciência na percepção exterior (...) seria o de ligar entre si, pelo fio contínuo da memória, visões instantâneas do real” (BERGSON, 2010, p. 73).

Para Bergson (2010) há dois tipos de memória: a memória hábito, aprendido obtido à custa da repetição e necessário para a vida em sociedade, e a memória pura, feita de lembranças de caráter não-mecânico. Para ele, o passado permanece inteiramente dentro da nossa memória. Os processos de lembrança e esquecimento não são separados, mas parte do mesmo mecanismo. Para Bergson (2010), o passado é essencialmente virtual, e se torna atual a partir das percepções e das lembranças. Em sua obra “Memória e Vida”, Bergson (2006, p. 47) aponta que a memória “não é uma faculdade de classificar recordações numa gaveta ou de inscrevê-las num registro”, mas o acúmulo de experiências que se encontram em estado puro dentro de nosso cérebro.

Em contraponto aos enunciados apresentados por Bergson que enfatiza o caráter físico e material da memória, Maurice Halbwachs apresenta uma memória com um caráter eminentemente social, cunhando o conceito de memória coletiva. Segundo Halbwachs (1994), a memória coletiva é o trabalho de um grupo social que articula suas lembranças em quadros sociais comuns, compartilhadas por todo o grupo. Para Halbwachs, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. A memória coletiva passa por um constante processo de reconstrução e de busca de significados e, por isso, ele separa o social (que pertence à sociedade) do coletivo (que pertence a um grupo). É lícito afirmar que a memória narrada nas autobiografias é individual, mas também pertence ao universo da memória

coletiva, tal como foi descrita por Halbwachs. E esta memória não é somente coletiva, ela é social, porque está impregnada pelo nosso universo social. Halbwachs (2006) distingue dois tipos de memória, uma interna, ou interior, e outra externa. Nesse caso, a memória individual seria uma memória interna, do indivíduo, enquanto que a memória coletiva seria externa.

Ao discutirmos o conceito de memória e de narrativa, é preciso deixar claro que de que memória estamos falando. A memória enquanto processo de lembrança e esquecimento ou os processos de rememoração? Segundo Pomian (2000, p. 507), quando falamos em memória estamos falando em vestígios. E os vestígios são representações da realidade, pois “toda memória é em primeiro lugar uma faculdade de conservar os vestígios do que pertence já em si a uma época passada”. No entanto, toda reconstrução do passado é sempre imperfeita porque é marcada pela dúvida. E a arte da memória, na visão de Pomian, é a arte da linguagem, pois é a partir das narrativas orais ou escritas que um indivíduo se torna depositário da memória de seu grupo. É o que podemos chamamos de memória coletiva, conforme já vimos, através do conceito preconizado por Maurice Halbwachs.

A memória é uma construção social porque somente aos seres humanos é dada a capacidade de lembrar e esquecer. Através das funções mentais superiores, os seres humanos têm a capacidade de pensar, agir, mediar e sofrer mediação pelos instrumentos e por outrem. É na articulação entre a memória individual e a memória coletiva que a humanidade consegue progredir. Não devemos esquecer que a memória não é isolada, livre de intervenções ou reações. Da mesma forma que na memória individual habitam a lembrança e o esquecimento, também na memória coletiva, as sociedades sofrem a ação desses dois movimentos. A memória social só é social porque é uma memória articulada dos grupos sociais, nesse sentido aponta James Fentress e Chris Wickham (1994, p. 65): “Uma memória só pode ser social se puder ser transmitida e, para ser transmitida, tem que ser primeiro articulada. A memória social é portanto memória articulada.”

Ao estudar a natureza psicológica da memória, Lev Vigotski (2003) nos aponta que a velha psicologia diferenciava dois tipos de memória, a memória mecânica e a memória lógica ou associativa. A memória mecânica era entendida como a capacidade do organismo de conservar e repetir as ações. Ao contrário, a memória lógica ou associativa trabalha com os vínculos e reflexos condicionados. Vigotski (2003) afirma que a memória não é algo

homogêneo, mas que se trata de algo bem complexo, sendo que a antiga psicologia apontava quatro componentes da memória: a fixação, a reprodução, o reconhecimento e por fim, a localização. A memória, segundo Vigotski possui uma tipologia específica: memória visual, memória auditiva e motora e, por fim, a memória cinética.

Vigotski (2003) aponta que o aspecto emocional da memória é muito importante, pois se trata de uma das formas de comportamento. Ao quebrar com a perspectiva dualista em relação à memória, Vigotski afirma que a memória não é um armazém ou depósito onde as lembranças são armazenadas, ao contrário, é um processo criativo de reações e sensações. Nesta obra, ele descreve a imaginação no processo da memória e comenta que a função da imaginação seria organizar as formas de comportamento, enquanto que a função da memória é organizar a experiência do que já passou.

Em sua obra “A Formação Social da Mente” Vigotski (2007) estuda as origens sociais da memória indireta, ou mediada. Ele aponta dois tipos de memória: a *memória natural*, que é mais comum nos povos iletrados que registram a memória através de processos mnemônicos e a *memória mediada*, que é aquela memória desenvolvida a partir das funções mentais superiores e que opera através dos mecanismos sociais. Ao estudar experiências realizadas com crianças de várias faixas etárias por seu colega Leontiev, da Universidade de Moscou, Vigotski aponta que a memória das crianças mais velhas é diferente daquela das crianças mais jovens, pois ela assume um papel diferente na atividade cognitiva. Ele relaciona o ato de pensar ao desenvolvimento da memória nas crianças e conclui dizendo que “a verdadeira essência da memória humana está no fato de os seres humanos serem capazes de lembrar ativamente com a ajuda de signos” (Vigotski, 2007, p. 50).

Em obra publicada em 1930, juntamente com seu companheiro de estudos Alexandr Luria, Vigotski (1996), dialogando principalmente com Engels, trabalha as questões da memória na transformação do macaco em homem. Eles examinam as transformações processadas, no decorrer do desenvolvimento cultural, na memória, nas relações entre pensamento e linguagem, na escrita e nas operações matemáticas. Para Vigotski e Luria, o desenvolvimento dos seres humanos foi também o desenvolvimento da capacidade de memorização dos processos de trabalhos e na criação de ferramentas: “O desenvolvimento histórico da memória começa a partir do momento em que o homem, pela primeira vez, deixa de utilizar a memória como força natural e passa a dominá-la.” (VIGOTSKI; LURIA, 1996, p. 114).

Dominar a memória significa dominar os processos de lembrança e esquecimento. Através de seu próprio corpo e de instrumentos, o homem passa a contar e registrar mentalmente as informações que lhe interessava guardar. É nessa transformação do objeto da natureza em instrumento de lembrança que o homem domina a natureza e a memória.

Esse domínio, como se dá com o domínio de qualquer força natural ou elementar, só significa que, em certa medida, o desenvolvimento do homem acumula – no caso em questão – experiência psicológica e conhecimento adequado das leis, por meio das quais a memória opera e começa a incorporar essas leis. (VIGOTSKI; LURIA, 1996, p. 114).

A transformação do objeto em instrumento de memória demonstra que o objeto passou a comportar funções sociais, pois passa a ter outras funções que não somente utilitárias, mas simbólicas. Os instrumentos e os signos criados pelo homem são também transformados em símbolos culturais. Vigotski aponta também que a memória torna-se cada vez mais lógica, organizando-se por conceitos. Dessa forma, ocorre uma mudança na estrutura da memória, que passa de *mneme* (elementar) para *mnemotécnica* (superior), de uma estrutura imediata para uma mediata. Ele afirma que não é somente com o desenvolvimento que a estrutura da memória se modifica, mas também a função psicológica da mesma.

A memória na perspectiva histórico-cultural é uma construção social, pois é na constituição coletiva do conhecimento que os seres humanos se transformam. A elaboração da memória é uma das diferenças entre os seres humanos e os animais. E, para Vigotski, a construção coletiva do conhecimento se dá junto com os outros e pelos outros, na relação de mediação entre os seres humanos. O papel dos instrumentos e dos signos, principalmente da fala, na constituição da memória é extremamente importante. É a partir do uso da memória que nos estabelecemos como seres humanos. Se pensamos, agimos e se agimos seremos portadores de memória. Assim, parafraseando Descartes podemos dizer: “penso, logo, tenho memória”.

## **O que a memória tem a ver com a internet?**

A *internet* surgiu na década de 1960 nos meios militares e posteriormente migrou para a área acadêmica, mas sua popularização ocorreu partir de 1993, quando o governo dos Estados Unidos transferiu sua gestão para a iniciativa privada. Na década de 90 do século XX, as conexões rapidamente se alastraram para o mundo inteiro. No Brasil não foi diferente. Como na maioria dos países desenvolvidos ou em desenvolvimento, o início do acesso comercial no Brasil aconteceu no ano de 1995. Em 1996, já havia cerca de 110 mil usuários e ao final desse

mesmo ano a *internet* já contava com cerca de um milhão de usuários (NICOLACI-DA-COSTA, 1998).

Podemos definir a *internet* como uma rede de nós de distribuição descentralizada e que liga milhares de computadores espalhados pelo mundo inteiro. Mas a *internet* é muito mais do que isso. Surgida como uma ideia de conexão entre computadores em rede com caráter militar e acadêmico, tornando-se um meio de comunicação na década de 1990, a *internet* tem sofrido várias modificações ao longo do tempo, seja na forma de acesso, cada vez mais simplificada, seja na velocidade de conexão, cada vez mais ágil. Sua importância ultrapassa o campo da tecnologia da comunicação, pois ela acabou por se tornar imprescindível em várias áreas do conhecimento. É uma autêntica revolução da tecnologia da informação que pode ser comparada, segundo Castells (2002), ao que foi o surgimento de novas fontes de energia para a Revolução Industrial. No entanto, temos que ficar alertas em relação ao deslumbramento pela *internet*, como se a ela fosse uma solução para resolver todos os males do mundo. E, tal como nos alerta Felinto (2011, p. 44), é preciso ficar atento às “narrativas triunfalistas da cibercultura”, pois a maioria dos autores tende a passar ao “leitor uma sensação de maravilhamento tecnológico, entusiasmo infantil e desprezo por tudo aquilo que é antigo”, quando na verdade é necessário estudar o fenômeno da *internet* dentro de sua conjuntura, assim como foi feito em relação a outros fenômenos no passado. E nessa análise cabe-nos verificar o que é realmente uma mudança de comportamento a partir do uso das novas tecnologias e o que é comportamento herdado de outras tecnologias. Conforme nos alerta Jost (2011, p. 100), “Se os meios usados para acessar os conteúdos audiovisuais são inegavelmente novos, resta saber se eles são sintoma de comportamentos radicalmente novos, e qual será o impacto desses novos usos”, pois o fato de produzir um texto num computador ou numa máquina de escrever não demonstra diferenças nas ações. Não nos cabe aqui discutir os prós e os contras de cada versão sobre a importância da *internet*<sup>7</sup>, mas indagar se as redes sociais estão criando um novo tipo de comportamento em relação à memória ou é simplesmente uma reprodução de ações de memória já existentes em outros meios e formatos.

Mas o que a memória tem a ver com a *internet*? Podemos afirmar que o que postamos nas redes sociais é parte da nossa memória social? Segundo Paul Virilio (2006), a *internet* fez surgir uma nova memória: a memória do presente. Essa memória é aquela do imediatismo,

---

<sup>7</sup> Sobre isso, Francisco Rüdiger (2011) analisa vários posicionamentos frente a esta polêmica, mostrando os prós e os contra de cada teoria.

dos acontecimentos vividos e narrados ao mesmo tempo. Nesse sentido, ao postar um comentário no *Twitter* ou no *Facebook* sobre uma obra de arte vista num museu ou um fato ocorrido naquele momento, estamos vivenciando esta memória do presente. E cada vez mais, as recordações e registros da memória estão presentes no nosso cotidiano, pois “a memória é uma linguagem, um utensílio de comunicação” (VIRILIO, 2006, p. 94). E essa memória instantânea da *internet* luta o tempo todo contra o esquecimento através da proliferação e do excesso. Parece contraditório, mas não é.

Na *internet* proliferam sites de histórias que incentivam a rememoração: são *blogs*, comunidades virtuais, *sites* de museus e de projetos de incentivo ao envio de histórias de vida. Muitos desses projetos sobre eventos traumáticos tais como Holocausto, pessoas desaparecidas, massacres em massa ou guerras civis, abrem espaço para que as pessoas possam conhecer as histórias daqueles que viveram determinados acontecimentos e lutar contra o esquecimento. No entanto, o excesso de informação comunicado pela sociedade pode vir a produzir um efeito contrário, relegar ao esquecimento essa memória dos acontecimentos. Andreas Huyssen (2000) nos alerta para o excesso de musealização do cotidiano e para os movimentos da memória que as novas tecnologias digitais proporcionam:

Não há nenhuma dúvida de que a longo prazo todas essas memórias serão modeladas em grande medida pelas tecnologias digitais e pelos seus efeitos, mas elas não serão redutíveis a eles. Insistir numa separação radical entre memória “real” e virtual choca-me tanto quanto um quixotismo, quando menos porque qualquer coisa recordada – pela memória vivida ou imaginada – é virtual por sua própria natureza.” (HUYSSSEN, 2000, p. 37)

Huyssen questiona se esse excesso de memória não acabaria produzindo um “explosivo” esquecimento e que muito do que consumimos hoje como memórias de massa seriam “memórias imaginadas”. Estas seriam mais fáceis de serem esquecidas do que aquelas por nós vividas. Segundo ele, “Quanto mais nos pedem para lembrar, no rastro da explosão da informação e da comercialização da memória, mais nos sentimos no perigo do esquecimento e mais forte é a necessidade de esquecer.” (HUYSSSEN, 2000, p. 20)

A memória é seletiva, não guardamos tudo, mas apenas uma parcela do que nos aconteceu durante a vida. E nem sempre o que guardamos é aquilo que queremos guardar e nem selecionamos o que guardar, mas o que restou em nossa memória, pois como afirma Le Goff

(2000, p. 27):“O passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história.” Assim também é a dinâmica da memória social na *internet*. O que se preserva não é necessariamente o que se quis preservar, mas o que o acaso ou o infortúnio permitiu. Da mesma forma, em relação à memória individual podemos afirmar que quando efetuamos registros de nossa memória na *internet* estamos compartilhando esta memória com outras pessoas de nosso círculo social. Essa ação poderia ser considerada uma ação de preservação de memória ou é simplesmente um excesso de memória, tal como afirma Huysen? Pois, assim como na vida, a memória na *internet* é fluida e passível de esquecimento.

A *internet* é também um espaço de autoria. Walter Benjamin (1994) em seu texto “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica” já preconizava que a diferença entre o autor e público estava a ponto de desaparecer após o surgimento do cinema. Com a *internet* essa diferença fica cada vez menor, na medida em que há mais espaços de registro de suas histórias, obras e opiniões. Com o surgimento da *web 2.0*<sup>8</sup>, o crescimento dos *blogs* e das redes sociais *online* (tais como *Orkut*, *My Space* e *Facebook*) e o surgimento de *microblogs* (como o *Twitter*, por exemplo) aumentaram as possibilidades de interação na *internet*. No entanto, quando falamos ou estudamos a *internet*, não podemos falar somente de uma *internet*, mas de várias “*internets*”. Podemos afirmar que cada “*internet*” possui características próprias que a diferencia das outras. Nas listas de discussões e sites acadêmicos, por exemplo, a linguagem usada para a comunicação é a do meio acadêmico. Nas salas de bate-papo são usadas expressões e códigos específicos da *internet*, mas que refletem a linguagem oral, ou seja, são típicos da oralidade. Entendemos que a *internet*, nesse caso específico, reproduz a oralidade. Pois a escrita na *internet*, como defende Freitas (2006, p. 35) “coloca nos mesmos planos a exterioridade da oralidade e a interioridade da escrita”. Em nosso estudo, nos interessa compreender os discursos escritos e imagéticos das redes sociais. O que os jovens postam? O que eles “curtem”? O que eles compartilham? Uma das questões que gostaríamos de abordar é a relação dos nativos digitais com a internet. Segundo o educador Marc Prensky (2001a), um dos problemas atuais é que a geração de imigrantes digitais quer ensinar aos nativos digitais como utilizar a *internet*, principalmente na escola. Na visão desse autor seria uma incoerência, pois os jovens vão encontrar os caminhos dentro do universo da *internet*.

---

<sup>8</sup> O termo *Web 2.0* foi criado para designar a segunda geração da internet e aponta a tendência para o uso cada vez maior de interatividade e participação do internauta na produção de conteúdo e de aplicativos de sites.

Mas, ao discutir o uso da *internet* pelos nativos digitais, queremos saber até que ponto esta nova geração está madura para questões como preservação do patrimônio e da memória no ambiente virtual. O fato de dominarem uma tecnologia, muito mais do que seus pais e seus professores, não significa necessariamente que dominam as discussões sobre essa mesma tecnologia. Estamos em sintonia com Livingstone (2011, p. 13), quando ela afirma que “dominar uma tecnologia significa manejar não só o hardware, mas tudo o que a *internet* oferece a seus usuários”.

### **Considerações Finais**

Ao finalizar esse artigo, gostaríamos de fazer algumas colocações sobre o desejo de preservação de memória dos nativos digitais. Como a pesquisa ainda encontra-se em andamento, algumas considerações da pesquisa são parciais. Em primeiro lugar, é preciso entender quais são os processos mentais por trás do desejo e da vontade de preservação da memória, seja na *internet* ou em outros espaços da vida. Assim, podemos indagar, o que essa geração pensa sobre o patrimônio cultural e como ele pode ser preservado por estes nativos digitais que já cresceram num ambiente altamente tecnológico. Nesse sentido, é preciso mudar nossa metodologia e nossa forma de ação com o patrimônio em relação às novas gerações de nativos digitais que estão surgindo.

Podemos afirmar que memória compartilhada é memória preservada? Ao estudar o conteúdo postado nas redes sociais podemos afirmar que as redes sociais tornaram-se espaço de preservação e divulgação da memória das pessoas em uma escala mais abrangente do que alguns museus e espaços de memória na *internet*? Sabemos que a inserção de conteúdo em sites de museus ou de história e de memória traz uma atitude de preservação de memória. Em contraponto a este desejo de memória e patrimonialização efetuado em sites de museus e correlatos, podemos afirmar que ao “postar” ou compartilhar uma foto no *Facebook*, os jovens nativos digitais também estão possuídos por um desejo de memória? Acreditamos que de forma consciente ou não, as redes sociais *online* acabaram por se tornar uma espécie de “lugar de memórias”<sup>9</sup> na *internet*, reivindicando um espaço de preservação da memória de

---

<sup>9</sup> O conceito de lugar da memória foi definido por Pierre Nora em sua obra 'Lieux de la mémoire'. Para Nora (1984), os museus, institutos históricos, casas de cultura, monumentos, entre outros são lugares de memória, pois permitem criar laços de identificação com as pessoas. Os lugares da memória, tal

outras instituições, tais como museus e centros de memória. Assim, além de suas funções comunicativas e sociais, tornou-se um espaço de registro e “preservação” de memórias. Dessa forma, o Facebook acaba reivindicando para si um “lugar de memórias” na *internet*, ocupando o espaço de instituições cujo papel principal é a preservação da memória e do patrimônio.

A memória na *internet*, o patrimônio digital e a interação do patrimônio com as novas tecnologias são temas ainda muito pouco estudados no âmbito das ciências humanas e sociais. É importante que surjam novos estudos que se aprofundem nessa questão e que possam trazer novas luzes para o entendimento do uso da internet nos processos de preservação da memória social.

## Referências

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas vol.1. São Paulo, Brasiliense, 1994.

CANAVILHAS, João. A internet como memória. **BOCC: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. 2004 <http://bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-internet-como-memoria.pdf>. Consultada em 22/05/2012.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Vol 1: a era da informação: economia, sociedade e cultura. 6ª ed. rev. São Paulo : Paz e Terra, 2002.

FELINTO, Erick. Matrizes. Em busca do tempo perdido: o sequestro da história na cibercultura e os desafios da teoria da mídia. **Matrizes**. Ano 4 – n ° 2 jan./jun. 2011 - São Paulo – Brasil pp-43-55.

FENTRESS, James & WICKHAM, Chris. **Memória social**. Lisboa: Teorema, 1994.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A escrita na internet: nova forma de mediação e de desenvolvimento cognitivo? FREITAS, Maria Teresa Assunção & COSTA, Sérgio Roberto

---

como defendido por Pierre Nora, nos transportam para as memórias de outros tempos, de outros acontecimentos.

(orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JOST, François. Novos comportamentos para antigas mídias ou antigos comportamentos para novas mídias? **Matrizes**. ano 4 – n° 2 jan./jun. 2011 - São Paulo - Brasil –pp . 93-109

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Vol. 1 – História. Lisboa: Edições 70, 2000. p. 254.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LIVINGSTONE, Sonia. Internet literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades on-line. **Matrizes**. ano 4 – n° 2 jan./jun. 2011 - São Paulo - Brasil pp- 11-42

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Na malha da rede**: os impactos íntimos da rede. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. In: **Les lieux de mémoire**. Vol. 1. – La République. Paris : Gallimard, 1984. p. XV-XLII.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n° 3 (1989). p. 3-15.

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. In: MCB University Press, Vol. 9 No. 5, October 2001. <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky - Digital Natives, Digital Immigrants - Part1.pdf>

\_\_\_\_\_. Digital Natives, Digital Immigrants – Part II: Do They Really Think Differently?. In: MCB University Press, Vol. 9 No. 6, December 2001. <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky – Digital Natives, Digital Immigrants –>

Part2.pdf

RICOUER, Paul. **A memória, a História, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

RÜDIGER, Francisco. A reflexão teórica em cibercultura e a atualidade da polêmica sobre a cultura de massas. **Matrizes**. Ano 5 – n° 1 jul./dez. 2011 - São Paulo – Brasil. p . 45-61.

SARAMAGO, José. **O Homem Duplicado**. Lisboa: Caminho, 2002.

SARAMAGO, José. Entrevista A Capital, Lisboa, 1995. In: AGUILLERA, Fernando Gómez (org). **As palavras de Saramago**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VIGOTSKI, Lev. **Psicologia pedagógica**: edição comentada. Porto Alegre: ArtMed Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev; LURIA, Alexandr Romanovich. **Estudos da história do comportamento**: símios, homem primitivo e criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

VIRILIO, Paul. O paradoxo da memória do presente na era cibernética. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana**: comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006. pp. 90-104.

TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria**. Madrid: Paidós, 2000.